



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 18 de Setembro de 1982 * Ano XXXIX — N.º 1005 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

DUAS CARTAS DE DUAS MÃES

Uma de perto, das margens do rio Ave; a outra de mais longe, de Meschede, na Alemanha Federal, onde uma alma inquieta de Mulher portuguesa talvez tenha sido o rastilho que pegou fogo a esta Mãe alemã (ou terá sido de outro modo a fonte do conhecimento e da dedicação?...).

Ambas são portadoras de uma muito espiritual delicadeza.

A Mãe alemã, pensando, e muito certo, que ignoramos a sua língua, usa o francês para legendar a encomenda com rebuçados, chocolates, umas calças, uma camisa e um par de sapatos; e diz assim:

«Caro Padre

Os meus filhos Hansjörg e Marion juntaram estas guloseimas para os vossos e enviam este pacote desejando-vos e a todos os vossos rapazes uma feliz Festa de Páscoa.

Muitas saudações dos Hansjörg e Marion com sua Mãe.»

Não importa que a notícia vá um pouco deslocada no tempo. O valor autêntico do amor humano é intemporal e pertence já à ordem da Eternidade. É uma Mãe que escreve. Foi ela, certamente, a dinamizadora da acção dos filhos: «O Hansjörg e a Marion juntaram guloseimas para os vossos rapazes». Provavelmente foi ela própria que acrescentou as peças de vestuário e de calçado. Embalou tudo muito bem e enviou com todo o carinho. Motivada porquê?... senão pela necessidade de amar e de traduzir esta necessidade num gesto de amor! Motivada porquê?... senão pela convicção de que o melhor que pode transmitir a seus filhos é esta mesma necessidade de amar e o exercício dela em actos de atenção ao Próximo e de partilha que nem a distância nem a diferença de línguas nem a ausência de convívio logram impedir!

E que riqueza para nós este



Doenças da alma, as mais delicadas, as mais difíceis de curar. Eles vêm de um meio onde os valores andam invertidos. A rua, principalmente nas grandes cidades, por ser escola prática dos vícios, imprime-lhes no espírito o natural desprezo pela virtude. Os bons, para eles, são os maus. Se há um perverso, é o melhor de todos. É obra muito difícil colocar as coisas no seu lugar. Temos de lançar mão e de aproveitar os incidentes da vida doméstica, os mais pequeninos, os mais caseiros e com eles levar o pequenino a reflectir, a compreender, a amar o bem. Temos de ter à nossa disposição os grandes e poderosos auxiliares do nosso sistema de educar esta classe de gente: o campo, as aves, as flores — uma quinta.

P. Américo!

embrulhinho e a mensagem que o acompanhava! Quem nos havia de dizer que em Meschede havia corações de quem decerto nunca nos viu, a bater também por nós! Quanto não serão eles capazes de amar se, lá de tão longe, assim nos amam!

Como Deus é grande e universal o amor que Ele semeia!

Domingo passado, em Albufeira, no intervalo entre as Missas da manhã e a vespertina, tivemos oportunidade de visitar uma jovem família inglesa com quatro filhos, o mais

velho dos quais andarà pelos dez anos. Na sua propriedade há uma pequena piscina. A hora do banho, o filho vai chamar a pequenada vizinha... e a piscina é de todos, até dos nossos companheiros de peditério. Mais. No fresco da vivenda, uma menina com dois dias de vida dormia a sua sesta regalada, ela que nascera sem pai, de mãe que a não pode ter.

Ele ainda há belezas neste pobre mundo! E a verdadeira beleza é sempre irmã do amor: do amor com que Deus ama

os homens e lhes deu o mundo, bom, que para eles fez; do amor que Ele acende e atea nos corações humanos, para que sejam à imagem do Seu!

A outra carta reza assim:

«Junto um cheque de 3.000\$ sobre o B. P. A. que é oferta de meu filho mais velho.

Lembrei-lhe que a melhor estreia para o seu 1.º livro de cheques seria escrever lá o vosso nome e ele concordou.

Cont. na 4.ª pág.

Reedição do «PÃO DOS POBRES»

A reedição do 2.º e 3.º volumes do Pão dos Pobres está a motivar muitos leitores!

Na hora em que escrevemos, começam a aparecer os primeiros postais RSF (resposta sem franquia), introduzidos na última edição de O GAIATO.

Há os que pedem só o Pão os Pobres. Outros, vão mais longe: requisitam todos os livros da nossa Editorial! Outros, ainda, inscrevem-se como assinantes de O GAIATO e da Editorial; um benefício do pos-

talzinho intercalado nos jornais da chamada venda-avulsa. Sim, porque muitos Amigos nem sempre encontram o pequeno distribuidor do «Famoso»... E, assim, tê-lo-ão em suas casas, regularmente.

Que dizer daqueloutros que, apesar do postalzinho, não deixam de contactar connosco, da forma habitual, a propósito do lançamento do Pão dos Pobres!? São corações abertos. Cartas escaldantes. O mundo incomensurável das almas!

Agora, não; mas na próxima edição será transcrita uma ou outra carta. O GAIATO é partilha, é diálogo. Todavia, não resistimos a sublinhar uma, ao acaso, cuja leitora diz «ter oferecido a pessoas amigas, com muito gosto, os livros de Pai Américo que tinha na minha biblioteca...» Não guardam só para si o Tesouro. Repartem-no com os Outros!

Chegados aqui, e perante a procissão de gente ávida por obras de Pai Américo, somos

Cont. na 4.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

«Que quem já é pecador, sofra tormentos, enfim! Mas as crianças, Senhor!... Porque padecem assim?»

É também este o nosso grito — como o do poeta — diante da impotência para acolhermos aqueles que nos procuram. As últimas semanas e os encontros nas igrejas têm sido prodígios na apresentação de crianças.

Eis algumas mensagens:

«Não temos abandonado o assunto dos pequenos, um que tem oito e outro que tem seis anos; são dois marginais a quem a mãe pouca ou nenhuma assistência dá. Os peque-

nos andam lá pelos campos e, segundo nos dizem, não dormem dentro de casa, mas num curral cá fora. O mais velhito esteve matriculado na Escola, mas só lá foi duas ou três vezes.

Um caso doloroso, pois as crianças não têm pai e a mãe é uma mulher de muito mau nome.

Será que possa recebê-los na Casa do Galato?»

Outra mensagem:

«Sou a mãe que ontem telefonou do Hospital. Estou a escrever para melhor expor o problema dos meus filhos. São seis, mas eu peço para dois.

Falta-lhes o melhor: o carinho e o amor que faz um lar feliz e eles não têm.

Trabalho a dias, a uma distância de cinco quilómetros. Eles têm 604\$00 de abono de família. A menina mais velha é deficiente mental e epiléptica. O pai é doente mental e alcoólico.»

Outra:

«São três meninos que viviam na companhia do pai e de uma avó. Têm 10, 12 e 14 anos. A mãe abandonou-os ainda eram pequenos. Foram criados pela avó, uma alcoóli-

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

SECULAR

BARRACAS AO LÉU — São um flagelo para quem se encaixa nelas! Tenho-as visto, pelo País, e desejo que também as vejas. Normalmente, estão escondidas e são um mundo desconhecido. A construção de prédios e torres, nas cidades, obriga as barracas a fugir — qual contradição para os bem-instalados! O negrume foge e esconde-se — por via do progresso!

De passagem pela cidade do Porto, miro da varanda de um bloco camarário uma aldeia de latas. Foi um desejo acabar com elas. Depois, parou! Porém, a necessidade, agora, é maior!... Ao redor, vejo o prazer de uns, mais o desmazelo de outros. Isto é: de um lado, limpeza; do outro, latas e plásticos. Promiscuidade!

Todos quantos habitam, hoje, os blocos camarários também não tinham gosto de viver... Agora, não. Eles próprios são testemunhas vivas do mal-estar dos abarracados.

O pároco da freguesia quer instalar, ali, um Centro de promoção social. Não sei de ajudas; da intenção, sim: «tratar dos corpos para chegar às almas». «Não se pode pregar a estômagos vazios» — aprendemos nós de Pai Américo.

Vejo isto do meu miradouro. E mais: a juventude que se perde por não ter casa decente!

Anda, ali, o pároco. Mas ele, só, não é capaz...

No entanto, em conversa com os habitantes do bairro, consolei-me por eles darem fé do pastor. E, quem dera, os bem-instalados ajudem à ressurreição dos Prostrados e os valados de silvas se transformem em blocos de moradias onde todos sintam o prazer de viver!

Ernesto Pinto

Tojal

CASAMENTO — Após dois dias do 26.º aniversário da morte de Pai Américo, realizaram o seu matrimónio: Irene e Luís Manuel.

Foi no dia 18 de Julho que Irene e Luís se prostraram diante ao Altar do Senhor e disseram *sim* para todo o sempre, até aos confins dos tempos.

Como se disse anteriormente, o Luís era o mais velho, tanto em idade como em permanência na comunidade. Pois foi um dia grande para ele, mas não o foi menor para toda a Obra, até porque esteve totalmente representada.

O Luís partiu! Partiu para a sua vida...

«Ele partiu do lar comum para o seu lar particular.»

Lembrados estamos agora quando a dada altura se dizia:

«O Matrimónio é o alicerce da família, como a família é o cerne do Matrimónio.» Mas não nos furtamos a citar João Paulo II: «O futuro do homem sobre a terra está ligado à família.»

Concluimos com os votos de que

este jovem casal se mantenha sempre unido e feliz.

Tal como dizíamos, o casamento de Ana e Adérito deveria ter sido realizado no dia 8 de Agosto, mas tal não aconteceu devido a lhe terem furtado toda a documentação! Não sabemos agora quando será, mas esperamos dizer algo oportunamente.

LAVOURA — Depois de concluída a apanha da batata e a ceifa do feno e da aveia, eis que a vida não pára em nossa Casa. Começaram a tratar das laranjeiras, assim como da lavra dos terrenos e a preparação dos mesmos para as culturas que se avizinham.

Também o «Gato» e o «Cassinda» começaram a aparar as sebes que ornamentam as ruas da nossa Aldeia.

Luís Eduardo

FÉRIAS — Como é do conhecimento dos caros leitores, decorre o nosso tempo de férias, na praia.

Cá em Casa as férias começaram no dia 5 de Julho com o 1.º turno dos «Batatinhas», acompanhados de alguns mais velhos, na praia de S. Julião de Ericeira onde temos uma Casa de praia.

Foram 15 dias agradáveis, com bom sol, o mar a chamar-nos para um banho que já há muito apetecia — dias de descanso, físico e psíquico.

A boa disposição acompanhou o turno e os mais pequenos não resistiam aos perigos e lá iam pelo mar dentro; eles são assim, mas são bons rapazes... Por isso é que os mais velhos ali estão e, felizmente, não têm tido razões de queixa. É sempre bom vê-los por aquela praia fora contentes e cheios de «loucura» — como é mesmo deles; só quem não conhece os «Batatinhas» é que não se encanta.

Neste momento o tempo de férias está a acabar; só falta o 4.º turno. Quando o jornal sair já lá estará a descansar para mais um ano de actividade.

DESPORTO — A crítica da Casa diz que temos uma boa equipa de futebol; assim ditam os resultados obtidos.

Anti - HH

H de AVER
ORTALIÇA

de OJE
ABITAR
ABITÁCULO

de IBERNAR
EROI (FICAR)

de ERDAR
OMEOTROPIAS

de ÉLICE
ALITO
ORTELA

HAGA de EURECA
AGAH de OMEM
HAGAH de ABITUAÇÃO

AO AGA.

Janeiro/81

Santos Kim

Temos tido alguns jogos, mas não os suficientes para os nossos pupilos rodarem; precisamos de mais equipas que queiram jogar connosco.

Quem estiver interessado em enfrentar-nos, pode contactar pelo telefone da Casa: 9849019. Cá os esperamos e até lá reforçem-se...

PEDIDO — O director-geral dos desportos da nossa Casa diz que está com grandes dificuldades em pôr os seus jogadores a jogarem com botas de futebol. Isto quer dizer que temos falta delas; e, já agora, também de bolas.

Se por acaso os nossos leitores tiverem qualquer coisa de que já não façam uso — é favor dizerem.

Félix

Praia de Mira

O nosso tempo de praia já acabou no dia dezasseis, mas a nossa casa da praia está cheia outra vez com a Colónia de Férias de Anadia. Emprestámos-lhes a casa com muito gosto, pois gostamos que também outras crianças sintam o bem de ter férias à beira-mar. Faz-lhes bem. Eles estão contentes por lá estar; nós também ficamos contentes com o contentamento deles.

O último grupo dos nossos que lá esteve, foi o dos mais velhos e alguns vendedores que ainda lá não tinham estado os quinze dias. Foram dias bons de sol e calor e de convivência uns com os outros. Brincámos, jogámos muitos jogos, tomou-se banho e andámos de barco. As senhoras também aproveitaram bem o seu tempo de praia, pois tiveram um pouco mais de descanso do que nos outros dias. O Álvaro tinha medo da água e, por isso, não tomava banho.

O Padre Pelino apareceu lá com uma família alemã e almoçaram connosco. Com eles foram, também, dois srs. Padres, do Porto, e no fim cantaram velhas e lindas canções populares.

Também o peixe foi abundante, oferta dos pescadores e pessoas amigas.

A nossa casa de praia já estava um pouco com as paredes muito sujas e, por isso, um grupo dos nossos andou a caí-la. Ficaram todos brancos, mas as paredes ficaram mais brancas do que eles. Outro grupo andou a lavar a madeira das portas e das janelas exteriores. Os vidros também foram lavados. O Paulito e o Adelino andaram a dar óleo às madeiras. O Tonito e o Dias andaram a arranjar o barco.

O sr. Padre, mais um grupo, ia de vez em quando à Lentisqueira apanhar fruta para as nossas refeições. No dia 13 fomos ver um circo que lá estava, na praia. Todos queríamos ir, principalmente os mais novos! Fomos todos e gostámos e viemos para casa com o desejo de o tornar a ver.

Nos últimos dias o mar esteve bravo e, por isso, não pudemos tomar banho. Todos gostamos da praia e na hora de vir embora foi um «adeus praia até para o ano que vem».

Que todos tenham boas férias como nós tivemos.

Chiquito Zé

MIRANDA DO CORVO

TRABALHO — Findo o nosso tempo de praia a nossa Casa de Miranda do Corvo tomou mais vida.

O Manuelzito não tem descanso na distribuição das várias tarefas e elas não são poucas, pois tal como a comida, o trabalho chega para todos.

PINHAIIS — Como o leitor deve saber, o ano passado, e este também a zona centro foi atacada por vários fogos que destruíram a maior parte dos pinhais e mesmo casas e quintas. Também alguns dos nossos pinhais foram queimados e é necessário limpá-los. Para isso um grupo dos nossos anda a cortar os pinheiros e eucaliptos queimados, outros tiram a lenha para pôr no nosso tractor, juntamente com os pinheiros. Os eucaliptos são para a fábrica de papel. Estamos à espera que a máquina fique pronta para carregar os rolos de eucaliptos para os tractores. No fim de tudo far-se-á uma limpeza às cascas e paus que tenham lá ficado, para que, se porventura algum fogo deflagrar neles, não avance assim tão facilmente como o anterior.

Embora queimados, a Natureza já começou a dar de si nos nossos pinhais, vendo-se abundantes rebentos de eucaliptos. Os nossos chegam do pinhal todos farruscos por causa da fuligem dos pinheiros, mas isso não é obstáculo — a água lava-os.

AGRICULTURA — O calor que se faz sentir por estas zonas é propício aos fogos e seca as plantas. As nossas têm um grupo a tratar delas e, agora, andam a regar o feijão. A água é tirada de um dos nossos poços por um motor que está constantemente a trabalhar.

Esperamos que as plantas não sequeiem e correspondam ao esforço que nós fazemos no sentido de que produzam. Os mais pequenitos também regam, só que em vez de feijão são as flores; «flores» com flores, água e sol — bonito quadro da Natureza!

No milho também andou um grupo. Depois de já o terem despontado, andam agora a desfolhá-lo e alguma espiga já está quase seca. Este ano o milho é em menor quantidade, pois estão a fazer uma estrada e uma avenida que atravessam o meio do terreno em que o costumamos semear.

FRUTA — Os nossos pomares estão com muita fruta, sejam peras ou maçãs, e já está quase madura. O Ruizito e o Victor percorrem-no à procura de fruta que esteja no chão, a fim de que não se estrague e comemo-la cozida às refeições.

Também os nossos cachos estão a amadurecer, vendo-se mesmo alguns já maduros. Há alguns dos nossos que não resistem à tentação de os provar e têm o merecido castigo, pois sabem que o que é de um é de todos e há-de chegar a altura em que todos os hão-de comer e também beber do seu vinho.

OFICINAS — As nossas oficinas, como é normal no tempo de férias, têm menor movimento. Ainda assim os nossos Amigos cá vêm fazer as

suas encomendas. Alguns responsáveis pelas oficinas estão ainda de férias e nós já as tivemos.

LIMPEZA — O interior da nossa Casa está mais brilhante, pois andou um grupo a dar cera e outro a dar lustro pelas camaratas. Gostamos sempre de ter a nossa Casa asseada.

CARAS NOVAS — A nossa família aumentou com a vinda de mais três caras novas: Paulo Jorge, Nuno e Miguel. O Paulo Jorge já cá tinha um irmão; é de Figueiró dos Vinhos e está na 4.ª classe. O Nuno é, de Coimbra e está no 7.º ano de escolaridade. O Miguel é da Covilhã, fez a 4.ª classe e mais nada.

Cara nova é, também, o cãozito que está cá há cerca de dois meses e já se tornou objecto de mimos e festas. Disseram muitos nomes para ele; um disse «Poly» e pronto — o cãozito já tem nome.

PISCINA — A nossa piscina serve para nos refrescarmos após mais um dia de calor; mas para isso é preciso que esteja limpa. Dois dos nossos encarregaram-se de fazer o trabalho e agora esperamos que ela encha.

VISITAS — Motivo de regozijo para nós é, também, a visita de ex-gaiatos; agora é o «Nelas» que está cá a passar uns dias com a mulher e os filhos.

Também outras pessoas nos vêm visitar para saber como somos e o que é a Casa do Gaiato. Venham que nós somos a porta aberta e, como tal, estamos prontos a recebê-los e a receber também os leitores que porventura queiram vir. Cá vos esperamos com muita alegria.

Chiquito Zé

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Visitámos um grande inválido que fora um bom artesão. Por fim, mais não teria do que a másera pensão da mulher... Mas, na hora própria, demos as voltas e somam agora, os dois, quase dez contos por mês. Fez-se justiça. Não precisam de estender a mão.

Ele estava regalado no seu carrinho. Porque não fala, agita os braços, aperta-nos até mais não. E chora d'alegria. São lágrimas do coração!

Depois, com o televisor ligado, olha para nós, d'olhos arregalados, e levanta a cabeça ao Céu. Dá sinal que não tardará a celebração eucarística dominical. O televisor veículo de Fé! Noutras alturas — para os Pobres — talvez seja, ainda, veículo de cultura..., já que ela, «a cultura», é um modo específico do «existir e do ser» do homem.

A esposa, na cozinha, mal nos vê, pára o serviço e vem ter connosco, feliz. Acerca-se do marido. Ajeita a roupa. É um casal sem filhos; toda-



via, o amor mútuo sobreleva a infelicidade.

Num mundo onde tantas vidas se desfazem, ouçamos a mensagem de João Paulo II:

«A comunhão entre Deus e os homens encontra a sua definitiva realização em Jesus Cristo, o Esposo que ama e Se dá como Salvador da Humanidade, unindo-a a Si como Seu corpo. Ele revela a verdade originária do Matrimónio, a verdade do «princípio» e, libertando o homem da dureza do seu coração, torna-o capaz de a realizar inteiramente... O Espírito que o Senhor infunde, dá um coração novo e torna o homem e a mulher capazes de se amarem, como Cristo nos amou.»

PARTILHA — «Por alma de Helena e João», 1.000\$00. Avenida de Roma, Lisboa, oferta muito oportuna. Mande sempre! Visitante assídua — e muito amiga — 300\$00. Cardigos:

«Em cheque, envio o último dinheiro da reforma de um Pobre, também — meu extremo Pai. Penso que aquela importância — que todos os meses recebia com muita alegria — não poderia ter agora melhor destino: distribuída pelos Pobres.»

O vale de correio, habitual, de Paço de Arcos: 3.800\$00. Todos os meses esta Senhora subtrai uma percentagem do seu vencimento para os Pobres! Outro vale de correio, de V. N. Gaia: «Sou viúva, vivo duma modesta pensão para mim e um filho ao qual estou a dar um curso com muito sacrifício.»

Mais um cheque, de Parede, para «algum caso mais premente dos nossos Irmãos pobres». Durban (África do Sul), 10 rands «por alma de minha querida Mãe». E acrescenta: «Sempre que possa, mandarei mais umas migalhinhas.»

Parte do subsídio de férias, em cheque, da Rua das Amoreiras — Lisboa, para vários sectores da nossa acção. Amigo do Fundão, manda, de Lisboa, 1.400\$00. É outra presença assídua! Algueirão, 1.000\$00. Assinante 11162, do Porto, metade. Ainda do Porto, Rua Clemente Menéres, 100\$00.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

FESTIVAL DAS VINDIMAS/82 — Organizado pelo Desportivo da Casa do Gaiato e com o apoio da Câmara Municipal de Penafiel e de vários Amigos da nossa Obra, está a decorrer, em nossa Casa, o Festival das Vindimas/82.

Começou no dia 4 do corrente com o astear da bandeira alusiva ao torneio, pelos nossos «Batatinhas», e com a presença de quase todos os atletas participantes, seguindo-se as provas de atletismo, eliminatórias de damas e ténis de mesa.

No dia 5, as coisas foram totalmente diferentes: da parte da manhã, as eliminatórias de malhas, e, da parte da tarde foi um delírio na piscina, superlotada de espectadores e participantes das provas de apuramento às finais de 25, 50, 75 e 100 metros livres e 50 metros mariposa — que se realizarão no dia 12.

Fornecemos, já, aos nossos leitores, as classificações das provas de atletismo: 800 metros — 1.º e 2.º Mozinho, 3.º Desportivo da Casa do Gaiato; 1000 metros — 1.º, 2.º e 3.º Mozinho; 2000 metros — 1.º Independentes de Recarei, 2.º Mozinho,

POBRES

Naquela manhã de sábado percorremos duas comunidades, além do nosso raio d'acção, com falta de recoveiros dos Pobres. Atravessámos montes, vales, campos crestados de sol — a respirar por água. Ouvimos o barulhar de motores de rega, de maquinaria agrícola, tractores — e o lento chiar do carro de bois. Moços e moçoilas, velhos e velhas, lenço traçado, de sachola em punho, entregues à faina agrícola. E, no coração dos lugarejos mais povoados, outra classe de gente — que todos os dias rumam à cidade — gozando o fim-de-semana nos cafés e centros de convívio.

Logo à partida bloquearam a nossa caminhada para visitarmos um empreendimento de interesse público: «V. têm d'ir lá comigo!» Fomos. É um grande edifício em construção; obra polivalente que o Povo fez sua desde que nasceu no coração dos autarcas.

— Aqui, é a sede da Junta. Ali, o posto médico. Acolá, a sede do grupo desportivo.

Os olhos do cicerone riam de satisfação.

— Vamos destinar este sa-

lão, do lado esquerdo, a um armazém de apoio logístico a lavradores, proprietários ou rendeiros. Terão tudo o que necessitam, ao pé da porta. A obra fica por milhares de contos, mas o Povo tem correspondido.

Subimos ao primeiro andar pelos degraus do estaleiro.

— Esta dependência, em toda a área do edifício, será para actividades sociais e culturais.

Enquanto os nossos olhos admiram, também, o riquíssimo tapete verde do Vale do Sousa — como pano de fundo — magnífica paisagem que nos delicia — meditamos na acção destes homens bons, que, em sua terra, aplicam intuitivamente, em reduzida escala, a filosofia dos planos integrados!

Mais. Quem diz que somos um Povo inerte!? Quando os homens se juntam, só imbuídos da mística do bem-comum — e deixam trabalhar os mais afoitos — as obras nascem e crescem em prol da comunidade.

— É pena não haver, agora, por cá, um grupo de vicentinos(as)...! — disparámos.

— Já pensámos nisso... No entanto, a gente faz o que pode — dentro das nossas atribuições. Temos de pensar melhor no assunto!

— Diga-nos o caminho para a casa de F.

— É uma viúva muito pobre, lá isso é. Vive só. Se não fosse a vizinhança...!

Ela estava no quinteiro, sentada num mocho; e a vizinha, com um balde d'água, cuidava, amorosamente, da higiene da velhinha. Um quadro do Novo Testamento!

— Há dias estropegou e caíu. Mal se mexe! Olhem p'ra ferida, nesta perna.

No eido, a ramada dá uns bons momentos de frescura, cujas uvas já transparecem a cor do tinto; e não tardam as

vindimas com o cerimonial da praxe, salpicado com as notas da chula ou do malhão — para alegrar a malta!

— Venham ver a casa. Entrem...

Tudo limpo, tudo em ordem. Discretamente, fixámos a Cruz do Senhor Jesus, suspensa da tosca parede — marco de Fé da viúva e da cireneia.

— Q'havia de ser desta mulher, se já fomos nós que tratámos do home dela até o fim...?

Continuámos a viagem, estrada fora. Entrámos numa picada. No cimo do outeiro, um grupo de moradias. Espraíamos, de novo, os nossos olhos pecadores por vasto horizonte. Abrimos um cancelo. Batemos à porta. E caímos prostrados num cenário que, há muito, não topávamos: uma pobre mulher, de meia idade, atemorizada, respirando porcária — mai-los filhos; as divisões da casa em desalinho; roupa suja aos montes por todo o lado; galinhas a debicar tigelas na lareira! O Terceiro Mundo em terra portuguesa!

— Quantos filhos tem? Fica entupida. «O home dá-lhe cabo das costas» — disse a vizinha.

— Não tenha medo! Intervém o marido, de pronto:

— Temos doze; mas, agora, só cá estão estes...

Apáticos, receosos. Uma delas, já espigada, de feições bonitas, é empregada doméstica e está de férias. «Q'ando

chega, acomoda-se e é como as oitras...» — comentam do lado, lamentando que a mãe «não tem cabeça e é pena». O salário do homem, trabalhador da construção civil, e os abonos de família, dão um total de 17 contos mensais. «Podiam ter uma vida limpa, sim, mas ela não tem cabeça» — e o marido «dá-lhe o dinheiro òs poucos».

Após este calvário doloroso, abordámos um cidadão prestável — que não conseguimos motivar para uma imediata acção de grupo. «Hoje, só é miserável quem não tiver tino nenhum...» — disse. Lançámos, porém, a inquietação..., que a Fé, a Esperança, a Caridade são dons de Deus.

Continuando a peregrinação, batemos mais adiante noutra porta — para confirmarmos uma triste realidade: A mulher estava em pequena mansão, onde não faltam berliques e berloques da sociedade de consumo.

— O seu marido? — Anda por lá... Sai de manhã, entra à noute.

É um inválido que anda na pedincha citadina, em carrinha motorizada. «Arrecede p'ra um conto e quinhentos por dia!» Vultosa quantia!

— Estas moradias, ao lado, também são vossas?! É um bairro!...

— São, p'ra termos um rendimento a juntar à reforma do meu home...

Aonde leva a falsa mendicidade! O certo é que estes inconvenientes seriam muito menores se, a nível comunitário e sem resquícios paternalistas, houvesse, ali, uma pequena equipa de vicentinos.

Júlio Mendes

Partilhando

● Acabei, agora, de ver um filme de terror, violento, na televisão. Pela primeira vez

o «Laranja» veio avisar-me: «Olhe, um já matou dois...!» Fechei o televisor, pedi desculpa a quem não tinha culpa e mandei a miudagem — os vendedores de O GAIATO — para a carrinha. Eram mais ou menos onze horas da noite. Então, sentei-me diante do televisor e quis ver tudo até ao fim. Como eu, quanta gente do nosso País assim fez!... Quantas crianças!... É véspera de domingo. Que serão triste, horrível! Imagens feias: de aflição, de medo, de morte. Ninguém vê isso!... Sim. Ninguém... Beirute e Angola sempre é bem pior... Basta isso!

Tudo são imagens...! Imaginação e confusão dos homens! A violência e a guerra começam dentro do coração do homem. Daí até à boca dos canos da espingarda vai só um pequeno passo!

● As rolas, as pombas, as pegas, os gaios e outros passarinhos enchem as gaiolas da nossa Aldeia. São espaços vazios que ocupam, também, a vida dos rapazes. Pela noite adiante, para adormecer, e na madrugada para acordar, é tão



Os «Batatinhas» são o encanto das nossas Comunidades!

Carlos Alberto

Cont. na 4.ª pág.

AQUI LISBOA!

«Compreenda (o Rapaz) cada vez mais e melhor que não está instalado em pensão, mas sim a viver activamente na sua própria casa, aonde encontra todo o carinho e todo o amparo que os filhos de boas famílias gozam na casa paterna.» (Pai Américo)

Parece-nos ter já citado nestas colunas a expressão de Tomás Merton: «educar é formar para a liberdade». Sem dúvida que se trata de tarefa ingente e apaixonante, mau grado as limitações dos agentes educadores e dos educandos, particularmente na época em que vivemos, vazia de valores e cheia de solicitações para o mal. Perseverança e coragem são qualidades indispensáveis, para lá de disponibilidade e de capacidade de diálogo, por um lado, além de espírito de compreensão e de tolerância por outro, tendo por fundo um respeito ilimitado pela pessoa humana que há em cada um dos homens.

Ser «um gajo porreiro», como se diz na gíria do calão, é coisa fácil e que rejeitamos se tal corresponder à demissão das nossas responsabilidades. Tal atitude não leva a nada de bom ou de útil, antes pelo contrário. Mais, se as nossas fraquezas e quedas ao longo da vida nos devem ajudar a melhor compreender os outros e a ser tolerantes e receptivos, tais factos não nos eximem dos nossos deveres, antes nos obrigam a estar vigilantes, sem confundir o mal com o bem e a considerar preto o que é branco e vice-versa.

Vêm estas despreziosas considerações a propósito de sucessivas conversações escritas ou faladas com pais, e não

só, angustiados com os problemas educativos dos seus filhos, muitas vezes acompanhados de verdadeiros S. O. S., como, por exemplo, este: «Senhor! Meu filho precisa de ti. Trá-lo ao bom caminho! Uma Mãe aflita».

Antes de prosseguirmos, queríamos vincar quanto nos sentimos pequeninos quando chamados a dar alguma opinião sobre os «casos» que nos são postos. Em primeiro lugar pelo que somos; em segundo pelo que sabemos; e em terceiro, ainda, pela manifesta dificuldade que possuímos de dar solução aos nossos próprios problemas, até porque, por mais que consigamos fazer, há sempre um fosso intransponível entre nós e os Rapazes, que é o de não lhes sermos nada pelo sangue.

Pressuposto o princípio, uma visão cristã da vida, que qualquer educador tem de ajoelhar como disse Pai Américo, começaremos a analisar hoje uma questão que nos é posta muito frequentemente. Trata-se do seguinte: os jovens, tendo atingido a maioridade aos 18 anos, com ou sem capacidade de subsistência por si próprios, julgam-se totalmente independentes do poder pátrio, não se sujeitando às regras ou aos princípios vigentes no lar comum, quando não são totalmente rebeldes a qualquer enquadramento familiar.

Em primeiro lugar devemos dizer que todo o processo educativo constitui um todo, sem lacunas ou hiatos. E se educar é formar para a liberdade, como se citou, isso consiste, afinal, naquilo que Pai Américo lapidarmente traduziu por ajudar cada um dos Rapazes (e Raparigas) a descobrir a sua própria consciência, isto é, a valorar os seus próprios gestos ou seja, que «cada um tem o dever de levantar e fazer valer as qualidades nobres e espirituais da sua alma; sendo guarda vigilante de si próprio e responsável de todos os seus actos». Para que isto suceda, porém, têm os educadores de se revestir de muita paciência e de muita compreensão; têm de estar atentos e solícitos; têm de saber perdoar e de se adaptar no acessório, sem abdicar no essencial. Têm, sobretudo, em coerência, de exemplificar com a sua própria vida aquilo que dizem ou propõem, em constante atitude de revisão.

Como segunda observação diremos que, em termos absolutos, não há ninguém totalmente independente no mundo. Todos somos interdependentes, mesmo vivendo sozinhos, e não há sociedade e, por-

Tribuna de Coimbra

Cont. da 1.ª pág.

ca sem limites, assim como o pai.

O pai, apesar de alcoólico, sempre ia ganhando para eles e mais ou menos lhes dava qualquer respeito. Agora o pai morreu e, sem pai, é uma verdadeira miséria e tristeza a vida daquelas crianças. São crianças de pouca capacidade intelectual. Sou professora naquela terra.»

O primeiro caso fomos vê-lo. Não foi difícil encontrar a casa miserável e a mãe estava lá. Teve onze filhos, alguns já mortos ao nascer e tem com ela só estes dois, dos quais se quer ver livre. Os dois pequeninos andavam tão mal vestidos e tão sujos! Que ambiente tão desumano! Que havemos nós de fazer?

No segundo caso dissemos da nossa impossibilidade. Nem temos lugar nem pessoas para os criar. Se naquele lar houvesse «carinho e amor que faz um lar feliz», nós havíamos de trabalhar mais para dar àquela mãe o suficiente para criar seus filhos e não ter de «trabalhar a dias, a cinco quilómetros de distância».

Do último, que havemos nós de esperar da geração em álcool e abandono — tudo orfanidade forçada?

«Que estas crianças não sejam amanhã mais marginais ao lado de tantos que infelizmente abundam pelo nosso País.»

Padre Carlos

Padre Horácio

tanto, família, que possa dispensar regras ou normas de conduta ou de convívio, sob pena de anarquia ou mesmo de caos. Apartados quaisquer tipos de despotismo ou de violência, que os há, suposto um diálogo franco e aberto, haja depois quem dirija ou governe, embebido de espírito de justiça e de caridade. Só assim será possível a harmonia e o bem-estar ou, em suma, uma paz real. Mas a quem governe deveria corresponder quem obedeça, dotado de espírito de disciplina interior, certo de que aos direitos se fazem corresponder deveres.

Finalmente, para encerrarmos este escrito, queremos emitir o juízo pessoal que o

estabelecimento da maioridade aos 18 anos está, na quase totalidade dos casos, psíquica e biologicamente longe de corresponder à maturidade, por muito que isso custe aos nossos Amigos jovens. De resto, maioridade civil para determinados actos nada tem a ver com amadurecimento humano e muito menos com independência total ou repúdio das regras vigentes debaixo do tecto que nos cobre ou das pessoas a quem, ao fim e ao cabo, devemos respeitar e de quem, com ou sem autonomia material, estamos dependentes, quer queiramos ou não. Continuaremos.

Padre Luiz

Reedição do «PÃO DOS POBRES»

Cont. da 1.ª pág.

levados a abrir, de novo, o 3.º volume do Pão dos Pobres — já em 3.ª edição. Por coincidência, a página 44 é uma revelação de ressonâncias de leitores!

«A leitura que se funda no Evangelho nunca foi estéril» — afirma Pai Américo, logo de entrada; e continua: «É chegada a hora de conjugar o verbo agradecer na primeira pessoa; e dirigi-lo assim a todos quantos têm prestado homenagem ao Pobre do Tugúrio naquelas coisas que dizem, na Imprensa e fora dela, acerca do livro Pão dos Pobres.

Não se trata de crítica laudatória a insigne escritor, como convém fazer e sempre se faz às obras de categoria; não. São desabafos de alma; são toques de coração que, por muito sentir, prende a fala e faz chorar.

As cartas pequeninas, de todos os dias e de toda a parte, são um «ai que eu não sabia, padre» e «prometo ser melhor». E aqueles senhores de alta posição social que das praias e das termas têm pedido o livro «para aqui distribuir, esses mesmo, sem dar por ela, formam nas multidões de outrora, cosidos à mais gente no curioso e alvorçado volumus Jesum videre! Sim; também eles querem ver Jesus... na vida e nos ais do Pobre resignado.

Oh! tu não sabes quanto pesa na balança da tua vida a sorte dos Irmãos que sofrem, sem primeiro saberes quanto e como a suportam. Por isso mesmo, agora que o sabes, caminhas vergado e arrependido — e queres mais Pão!»

Satisfazendo este querer, de todos os lados, o grupo responsável pelo sector de expedição não poupa esforços — e

serve com prontidão. Enquanto uns despacham jornais, outros despacham livros. Um trabalho amoroso! Mais ainda por ser feito pelo (que foi) Lixo das ruas. «O trabalho deles, por mãos deles, querido por eles, é a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem.» Como não hão-de os livros de Pai Américo, todas as obras da nossa Editorial — por isso, também — fazer Fogo no coração dos leitores!

Júlio Mendes

Partilhando

Cont. da 3.ª pág.

bom ouvi-los cantar! É a ordem da Natureza a rezar ao Criador.

Agora, vai aqui a nossa desordem: Alguns queixaram-se de que lhes tinham furtado algumas pombas. Quem foi e quem não foi?! As culpas foram recair num pequeno vizinho nosso! Foi verdade ele vir buscar a uma das gaiolas aquilo que era seu — um borrachinho que o «Janotas» lhe tinha furtado! Imaginem a nossa vida, a nossa vergonha, os nossos «telhados de vidro»!... Os vizinhos que temos, felizmente, são boa gente e gostam de ser nossos amigos. Que nos perdoem certas limitações... A Família é grande. O «Janotas» foi castigado por não ser fiel no pouco — um borrachinho, materialmente sem valor. Socialmente, é uma amostra dum parte da massa humana com quem partilhámos a nossa vida.

As pombas são imagem da simplicidade e da paz. Nunca de guerras... Isto é, para os «Janotas» que há no Mundo — e dentro de cada um de nós.

Padre Moura

DUAS CARTAS DE DUAS MÃES

Cont. da 1.ª página

Isto, é uma pequena gota de água no «oceano» das vossas necessidades, mas ele por enquanto também tem pouco. Possui no entanto um bem mais inestimável que é uma grande generosidade de coração. Já há tempos vos pedi que rezassem por ele. Para que se não «gastasse» nas coisas vãs deste mundo...

Talvez um dia frutifique no seu coração o grande amor que sua mãe tem a essa maravilhosa Obra e que infelizmente não pode traduzir-se em ofertas materiais. Se ao menos Deus aceitasse a dádiva de algum dos seus filhos!

Peço-vos que continueis a rezar por eles.»

Reza, digo bem; porque tudo isto é, na verdade, uma oração.

Quando, no último jornal, tocava, ao de leve, a «fome»

que progressivamente nos devora, de outros que nos venham render na hora, cada dia mais próxima, da nossa exaustão, punha em Deus toda a nossa esperança. Mas, por Ele, podemos pô-la também em corações de Mãe, assim ambiciosos como esta, que não teme entregar seus filhos ao «desgaste» conquanto não seja «nas coisas vãs deste mundo».

Talvez esteja na falta de muitas Mães desta raça a pobreza de generosidade de coração que alastra por este mundo, senão no dar, no dar-se que é bem incomparavelmente «mais inestimável».

Sim, rezaremos por seus filhos — que estamos rezando por nós mesmos. Pelos seus e pelos de outras Mães de alma gémea da sua. E é impossível que Deus não olhe um tal desejo e não aceite uma tal dádiva. Só que a Sua hora para cada um, só Ele a sabe.



Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa